



## EDITORIAL

Iniciamos nosso quarto número com o poema “Menino peixe” de Thomas Argos, autor também da arte da capa desta edição. Partimos, então, para as artes e poemas de Armr’ore Arormray, um conjunto de escritos e ilustrações digitais, pinturas com aquarela e fotografias. Em seguida, a arte de Mar Facciolla ilustra a pluralidade da não-binariedade e abre o texto de Felipe de Paula, “memórias”, que narra experiências familiares e sociais de forma poética. As artes de Iago Marichi apresentam uma diversidade fenomenal de cores e traços e simbolismos, partindo para os textos e artes de Samuel Bittar sobre as violências institucionais no campo da saúde contra pessoas trans. Bittar discorre sobre as violências físicas e simbólicas que atravessam nossos corpos em diversos dispositivos de saúde, e afirma o estreito vínculo entre a saúde e a sexualidade, pensando em questões como saúde sexual e normatização do corpo. Em suas artes intituladas “Direito à autoestima” e “Estritamente Cissexual” essas questões são abordadas simbolicamente.

Com seu texto “Corpo de ferro, masculinidade de vidro: representações do masculino no cinema hollywoodiano”, DaLua exemplifica a construção de uma masculinidade hegemônica e violenta pelo cinema, “promovendo a ideia de um modelo “verídico” de ser homem”, escreve. O texto é sucedido pelo ensaio “Masculinidades Sintéticas”, de Vitor Fernandes, que relaciona as modificações corporais realizadas por pessoas transmasculinas pela administração de testosterona e as modificações realizadas por homens cisgêneros nos anos 80, pela ideia de uma hipermasculinidade. Logo depois, a arte de Ollie Barbieri, “La Madona Transvestigenera”, apresenta traços detalhados e minuciosos em um aglomerado de representações, e segue para o texto de Christopher Santana, “A (in)existência dos homens trans na nossa sociedade”. Santana aborda o apagamento das transmasculinidades, comparando o que seria um dia comum para homens cis e homens trans. O texto precede a arte de Dante Saldanha e, em seguida, o poema de Nicolas Vasconcelos, “Projeções de Euforia”.

A revista segue para as colagens digitais de Thárcilo Luiz, retratando a pluralidade de corpos transmasculinos e de suas representações, e continua para as artes de Max V Boas C Ribeiro: “Afeto”, “Sem Título” e “Tarde de Quarta-Feira”, de muita expressividade e surrealismo. O texto “Mão-boba” de Alcan narra a experiência de se frequentar uma festa noturna sendo uma pessoa trans, atravessando comentários



transfóbicos. Em seguida, o poema de Kaetê Okano e Dani Brandão, “Desculpa por ser homem – Disforia Queercore”, logo completa o texto precedente, e abre espaço para as artes de Mika Kaliandrea. Logo depois, temos o texto de ynymagyney carú, “festas de cu-ra”, descrevendo seu sonho, e a arte “Multiplicação”, de Marcos Vinícius, transbordando de cores.

O poema de Nicolas Vasconcelos, “Aula de vôo”, precede o zine Ska Batista, contendo fotos acompanhadas por frases de efeito. O texto “Corpos Hackeades: sobre a possibilidade de corpos transciborgues”, de Lu Schneider Fortes, disserta sobre as falhas do sistema, as dissidências corporais e as transgressões contra as normas de gênero, e afirma a reivindicação de nossos corpos ciborgues. Em seguida, o texto de Ayres Tyupanyè Marques e Bruno Henrique Assunção, “Representações midiáticas de transgêneres e travestis e suas possíveis leituras no documentário disclosure”, analisa as “conexões entre as narrativas cinematográficas e a progressão social da comunidade transgênero no mundo a partir do documentário *Disclosure*”, abre para a “Entrevista sobre saúde transmasculina”, ministrada por Julianna Nonato e com Athos Souza como entrevistado. A entrevista abrange o apagamento de corpos transmasculinos em diversas esferas da saúde.

O texto “E não posso ser eu um transfeminista?”, de Cauê Assis de Moura, disserta sobre a invisibilidade de pessoas transmasculinas no próprio transfeminismo e problematiza as concepções genitalistas de mulher e de homem, e questiona: “por que pensar um transfeminismo que exclui nossa participação?”. Em seguida, o texto de Bruno Latini Pfeil e Cello Latini Pfeil “Reflexões sobre transmasculinidades e suicídio” pensa o apagamento de pessoas transmasculinas em pesquisas sobre o comportamento suicida, concomitantemente aos seus altos índices de tentativa e ideação suicidas. Logo depois, o texto “Até quando? Uma breve autoetnografia sobre a evasão acadêmica de corpos dissidentes”, de Mar Facciolla, descreve as opressões que pessoas trans sofrem na academia, tanto concreta quanto simbolicamente. Subsequentemente, temos o texto de Thales Gabriel Trindade de Moura, “O mar revoltado que foi Michael Dillon: um poema e sua tradução”, apresentando marcos importantes da vida de Dillon e sua importância para a história transmasculina. Fechamos a edição com um texto sobre não-binariedade, autodeterminação e produção de conhecimento, de Amanda.

Desejamos a todes uma boa leitura!